

## VERDE LUNA: O DRAMA AGRO-LUNAR E AS VERTENTES DO IMAGINÁRIO NO TEATRO DE GARCÍA LORCA

REGINO, Sueli Maria<sup>1</sup>; TURCHI, Maria Zaira<sup>2</sup>

**Palavras chave:** dramaturgia lorquiana / crítica do imaginário/ drama agro-lunar

Não é possível desvincular a figura humana de Federico García Lorca de sua produção artístico-literária, de tal modo as experiências de sua vida se entranharam em tudo o que criou. Francisco García Lorca, irmão do poeta, conta que desde a adolescência Federico mostrava-se como uma “criatura imersa em um mundo cheio de profundidades essenciais e, por outro lado, absolutamente simples e natural em toda a extensão da palavra”. Essas qualidades, segundo Francisco, talvez fossem a chave da grande simpatia de seu irmão, lembrado por todos os amigos pela personalidade carismática e cativante (1981, p. 137). A ressonância coletiva da obra lorquiana gerou a grande popularidade alcançada pelo poeta, primeiro na Espanha e depois em todo o mundo. Suas peças teatrais continuam sendo montadas com grande sucesso de público, sua obra é estudada em muitos países e escreve-se sobre ela em vários idiomas. A obra de García Lorca já foi estudada sob diversos enfoques e a vasta fortuna crítica torna difícil a eleição de um caminho inédito que justifique novas pesquisas sobre o autor. Ao observar, porém, como as raízes estéticas e temáticas da obra lorquiana entranham-se nos substratos profundos do inconsciente mítico espanhol, a crítica do imaginário surge como uma via natural.

Este trabalho pretende investigar, por meio de estudos interdisciplinares e, principalmente, antropológicos, o fenômeno simbólico na obra dramática de Federico García Lorca, elucidando a conexão entre mitos primitivos e o processo de remitologização na obra dramática lorquiana. Além disso, será verificado em que medida a rede de significações é tecida nesses textos, a partir da hermenêutica das imagens simbólicas e dos motivos neles presentes, apontando a intertextualidade entre as narrativas míticas e as literárias. Ao focar o texto lorquiano do ponto de vista do imaginário, será possível traçar os itinerários das imagens e das constelações de imagens por ele suscitadas, reconhecendo seus esquemas e arquétipos. Por fim, tomando como base a afirmação de Gilbert Durand de que “a universalidade dos arquétipos e dos esquemas não arrasta *ipso facto* a dos símbolos”, pretende-se buscar a “tensão” sociológica que especifica o simbolismo do arquétipo e do esquema universal na obra dramática de García Lorca. Com essa pesquisa, pretende-se ainda contribuir para o desenvolvimento da Crítica do Imaginário no Brasil, enfocando a obra dramática de Federico García Lorca à luz da hermenêutica simbólica.

Estes objetivos serão efetuados a partir da hipótese de que mito e literatura relacionam-se, pois ambos, como criações da humanidade, atualizam arquétipos por meio de imagens. O mito exprime a condição humana e as relações sociais no grupo onde ele surge, configurando-se em formas narrativas, as quais, por sua vez, veiculam imagens simbólicas calcadas em arquétipos universais. Esses arquétipos reaparecem, periodicamente, nas criações artísticas individuais, entre elas, a literária. A essa hipótese dominante, seguem-se outras: a criação literária retoma motivos e imagens míticas para expressar os conflitos humanos e indagações que ultrapassam as questões cotidianas, para a formulação de questões que têm como eixo um mesmo tema: o sentido da vida; a hermenêutica simbólica na abordagem literária amplia os sentidos do texto e possibilita o diálogo com outras disciplinas das ciências humanas, num momento em que a procura de novos paradigmas tem ensejado cada vez mais a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na busca do conhecimento; o fato de os arquétipos e os esquemas serem universais não quer dizer que os símbolos também o sejam; há uma “tensão” sociológica que modela os arquétipos em símbolos.

A crítica proposta por Gilbert Durand (1993) busca evidenciar os mitos diretores na obra de um autor, assim como suas transformações significativas em um determinado tempo ou espaço, considerando o trajeto antropológico dos símbolos. A antropologia do imaginário aponta um caminho que objetiva a conciliação dos múltiplos pontos de vista e métodos de análise, encaminhando a questão da hermenêutica simbólica sob um único enfoque. Durand “alicerça sua teoria sobre as estruturas antropológicas do imaginário, avançando, em seguida, para a formulação de uma mitodologia” (Turchi, 2003, p. 22), estruturada no dinamismo interno que leva as imagens a se organizarem em narrativas, expressas pelo texto literário oral ou escrito. Sob o aparato teórico da mitodologia, que busca identificar o mito latente ou manifesto em toda narrativa, a mitocrítica e a mitanálise apresentam-se como caminhos distintos para enriquecer as possibilidades hermenêuticas dos textos. A mitocrítica é um método de crítica literária ou artística que tenta evidenciar os temas redundantes, os mitos diretores e suas transformações em um autor ou obra determinada. Quando essa crítica amplia os limites do estritamente literário para se abrir a questões sócio-históricoculturais torna-se mitanálise.

As constelações simbólicas relacionadas ao complexo agro-lunar apresentam grande importância e recorrência na obra de Federico García Lorca. A lua é ao mesmo tempo morte e renovação, obscuridade e clareza, promessa de luz em meio às trevas. A fantasia lunar e os mitos que dela decorrem são otimistas, pois toda catástrofe, morte e mutilação lunar são passageiras, anuladas pelo recomeço do próprio tempo. O drama lunar está em estreita relação com os cultos agrários, já que o ciclo vegetal pode ser, como o ciclo lunar, segmentado em rigorosas fases temporais. O argumento do drama agro-lunar se estrutura sobre o ciclo de morte e ressurreição de uma personagem mítica e serve de suporte arquetipal a uma dialética que já não é a separação, nem a inversão de valores, mas que, por ordenação numa narrativa ou numa perspectiva imaginária, lança mão de situações nefastas e valores negativos para o progresso de valores positivos. Todo símbolo ligado ao ciclo tem, ao mesmo tempo, uma parte de trevas e uma parte de luz. As cerimônias iniciáticas são isomorfas do definhamento agro-lunar, assim como os rituais de sacrifício, que aparecem como síntese complexa

entre a mitologia lunar, o ritual agrário e a iniciação. O sacrifício indica a intenção profunda de integração no tempo, mesmo que destruidor, e de participação no ciclo total das criações e das destruições cósmicas.

De acordo com Garagalza (1986), a hermenêutica de Durand recupera e atualiza a tradição do pensamento antigo, anterior à filosofia ocidental, historicamente nascida na Grécia, pois “baseia-se no conhecimento simbólico e na não distinção entre homem e cosmos” (1986, p. 58). A adoção do aristotelismo pela Escolástica marcou a ruptura entre a tradição e a filosofia, transformando o pensamento da tradição numa espécie de “filosofia oculta”, que continuou subterraneamente, marginalizada pela cultura oficial. Vista assim, a hermenêutica simbólica “apresenta-se como uma anti-filosofia, subversora dos valores da modernidade” (1986, p. 59), com o objetivo de elaborar uma interpretação totalizadora da realidade. Sob a perspectiva da Tradição, o conhecimento do homem começa pelo conhecimento do mito, que representa a primeira emergência da consciência, constituindo-se em “discurso último que leva a cabo a primeira interpretação vivencial de homem e mundo” (1986, p. 62). Para Durand, o mito é um relato fundador, no qual se constitui, longe do princípio do “*terceiro excluído*”, a tensão antagônica fundamental a todo o desenvolvimento de sentido.

Ao investigar sob o ponto de vista do imaginário o fenômeno simbólico e o processo de remitologização na obra dramática de Federico García Lorca, acreditamos não apenas estar contribuindo para maior divulgação e compreensão da dramaturgia lorquiana, como também para o desenvolvimento da crítica do imaginário no Brasil. É necessário notar que enquanto na Europa proliferam os centros de estudos do imaginário, não se tem notícia de nenhum grupo trabalhando nessa linha, de forma permanente e sistemática, em nosso país. Os anos dedicados a esse trabalho, assim como a viagem à Espanha, em busca de dados que trouxessem compreensão maior sobre os meandros da alma andaluza, foram de essencial importância para o desenvolvimento desta pesquisa. E as conclusões, alcançadas por meio da razão, vieram confirmar aquelas proporcionadas pela emoção apaixonada de simples fruidor. A mesma emoção que levou Yan Gibson, biógrafo de Lorca, ao escrever o prefácio de *Federico García Lorca: uma biografia*, afirmar: “É evidente que o poeta andaluz tinha algo valioso a transmitir ao mundo” (1989, p. 20).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURAND, Gilbert. **De la mitocrítica al mitoanálisis: figuras míticas y aspectos de la obra**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1993.
- GIBSON, Ian. **Federico García Lorca, uma biografia**. São Paulo: Globo, 1989.
- LORCA, Francisco García. **Federico y su mundo**. Madrid: Alianza Tres, 1980.
- TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário: uma mitocrítica dos gêneros literários**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

---

<sup>1</sup> Bolsista da CAPES – mariaregino@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Orientador/Faculdade de Letras/UFG – zaira@letras.ufg.br